

UMA EXPERIÊNCIA COM GÊNEROS DISCURSIVOS NA EDUCAÇÃO DE ADULTOS

BEZERRA, Maria Isabel Fernandes – belfernandes@uol.com.br

SOUTO, Maria Alice Nogueira – m.alice.souto@uol.com.br

Resumo

Este relato de experiência na educação de adultos apresenta o projeto de uma revista coletiva, orientado pela noção de gêneros do discurso. Os gêneros são instrumentos favoráveis para o aprendizado de leitura e escrita, pois possibilitam contato com a produção e a circulação de textos orais e escritos, e com a significação delas decorrente, transformando situações escolares em situações de comunicação. Os saberes construídos pelos alunos através da experiência em outros contextos direcionam a escolha do tema e dos gêneros que compõem a publicação e sua abordagem. A prática dos usos sociais da linguagem e a compreensão do sentido dos textos que circulam na sociedade auxiliam os adultos na ressignificação do mundo, além de possibilitar sua participação política e cidadã. Como resultados, há maior fluência e autonomia na leitura e na escrita; contextualização e leitura do mundo; suporte à construção da identidade e reconciliação com a trajetória de vida.

Palavras-chave: gêneros discursivos; temas geradores; dialogicidade; valorização de experiências; inclusão escolar.

Abstract

This report on the experience of educating adults presents the project of a collective magazine based on genres of discourse. Genres of discourse are favorable tools to acquire reading and writing skills because they allow students to get in contact with the production and circulation of written and oral messages and their meaning, transforming typical school situations into communicative events. The knowledge acquired by students through experience in other contexts determines the choice of theme and genre of the magazine and its approach. Besides helping adults in the resignification of the world around them, the practice of socially using the language and of understanding the meaning of texts in society enables them to be socially and politically engaged. As a result, they are more fluent and independent in reading and writing, at contextualizing and understanding the world and have a stronger basis for building their own identities and understanding the path their lives have taken.

Keywords: genres of discourse; generative themes; dialogical approach; experience revaluation; school inclusion.

Introdução

Este trabalho apresenta o relato de uma experiência de ensino na educação de adultos – a produção coletiva de uma revista temática –, resultante de um programa de Língua Portuguesa baseado em gêneros discursivos, no contexto do projeto social de educação Ilha de Vera Cruz, da Escola Vera Cruz, instituição de ensino particular localizada na Vila Leopoldina, em São Paulo (SP).

Os alunos que participam dessa experiência freqüentam o Segundo Segmento do Ensino Fundamental da Educação de Jovens e Adultos (correspondente à etapa de 5ª a 8ª série – 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental), organizado no projeto Ilha de Vera Cruz em cinco módulos semestrais. Em sua maioria, são mulheres, trabalhadores do mercado formal ou informal, com mais de 25 anos, migrantes ou filhos de nordestinos. Têm em comum com o aluno de EJA retratado nas pesquisas acadêmicas o fato de serem “migrantes que chegam às grandes metrópoles provenientes de áreas rurais empobrecidas, filhos de trabalhadores rurais não qualificados e com baixo nível de instrução escolar [...], eles próprios com uma passagem curta e não sistemática pela escola” (OLIVEIRA¹ apud WAJMAN, 2003).

A noção de *gêneros* na construção de programas de Língua Portuguesa encontra referências nos PCNs de Ensino Fundamental a partir de 1997/1998. Em várias passagens, o gênero é apontado como objeto de ensino dos eixos do uso da língua materna em leitura e produção e instrumento mais favorável que o conceito de *tipo* (descrição, dissertação e narração) para o trabalho com textos escritos e orais.

A opção pelos gêneros discursivos, fundamentados em Bakhtin e complementados nos seus aspectos pedagógicos por Dolz e Schneuwly, possibilita a jovens e adultos pouco escolarizados, além do desenvolvimento da leitura, interpretação e produção de textos variados, a compreensão dos contextos de comunicação e suas implicações culturais e sociais.

Os gêneros podem ser considerados, seguindo Bakhtin (1984), como instrumentos que fundam a possibilidade de comunicação. Trata-se de formas relativamente estáveis tomadas pelos enunciados em situações habituais, entidades culturais intermediárias que permitem estabilizar os elementos formais e rituais das práticas de linguagem. [...] Do ponto de vista do uso e da aprendizagem, o gênero pode, assim, ser considerado um *megainstrumento*² que fornece um suporte para a atividade nas situações de comunicação e uma referência para os aprendizes. (DOLZ, 2004, p. 75)

Um gênero é uma forma de linguagem cultural e historicamente construída, que, portanto, se constitui como um instrumento de mediação entre o homem e o mundo. Ao apreendermos a variedade e a estrutura dos gêneros, estamos instrumentalizando nossa comunicação. O aprendizado da linguagem por meio dos gêneros do discurso pode levar

¹ OLIVEIRA, Marta Kohl de. *Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico*. 2ª ed. São Paulo: Scipione, 1995.

² Grifo do autor.

o aluno adulto a ressignificar o mundo e também sua identidade. Num sentido mais amplo, pode se constituir em suporte para sua atuação social e profissional, bem como para sua participação política e cidadã mais consciente e crítica no mundo globalizado.

Cabe aqui buscar a intersecção entre educação de adultos e globalização. Na visão de Eric Hobsbawm (2000, pp. 69-70) a globalização:

[...] é um processo histórico que, embora tenha sido muito acelerado nos últimos anos, reflete uma transformação incessante. [...] Sua essência é a expansão, num planeta que, por sua própria natureza, é marcado pela diversidade, em termos tanto geográficos e climáticos quanto históricos. Além disso, a globalização não é um processo universal que atua da mesma forma em todos os campos da atividade humana.

Nessa perspectiva, a sociedade do século XXI globalizada organiza-se tanto por relações de dominação como de integração, cujo desenvolvimento é desigual e contraditório. “Ao lado das singularidades de cada lugar, província, país, região, ilha, arquipélago ou continente, colocam-se também as singularidades próprias da sociedade global” (IANNI, 2000).

Na visão de Rosângela Tenório Carvalho (2008), no Brasil, a pouca atenção dada à formação escolar de jovens e adultos trabalhadores e as novas exigências do mercado global têm levado a novas formas de exclusão cultural e desigualdades sociais. Acentuam-se as diferenças entre os valores dos saberes locais e os dos saberes globais e a necessidade de articulação desses saberes.

A prática cotidiana da sala de aula se configura como um espaço repleto de influências vindas do processo de globalização, onde convivem ao mesmo tempo experiências multiculturais, locais, regionais, multidimensionais, que reúnem pessoas de diversas origens, vivências e entendimentos, verdadeiros “cidadãos do mundo”.

Nesse ambiente plural, o ensino de língua materna através dos gêneros discursivos pode fazer o papel de articulador de saberes, ao levar os alunos adultos a estabelecerem relações entre seus saberes e os que circulam numa sociedade em constante mudança, tanto no campo econômico, social e político, como no âmbito da cultura, tecnologia e ciência.

Acreditamos que a apresentação de ações pedagógicas que proponham o registro e a circulação de textos orais e/ou escritos produzidos por alunos adultos em ambientes que valorizem sua trajetória de vida traz contribuições para as práticas relacionadas à Educação de Jovens e Adultos (EJA), uma vez que elas possibilitam que as palavras e os sonhos desses autores possam ser ouvidos em outros espaços além da escola.

Por que gêneros discursivos na EJA?

O início do trabalho com os gêneros discursivos no curso de Língua Portuguesa com os alunos adultos no Ilha de Vera Cruz se deu a partir do questionamento que o grupo de professores da área se fazia a partir da vivência na sala de aula, diante das demandas dos alunos, vindos de realidades distintas, com vivências, sonhos e interesses diversos.

Os estudantes adultos participam de um mundo que usa a linguagem em muitas situações de comunicação, por diversos meios e para infinitas finalidades. Para ampliar sua atuação social, é preciso ampliar também sua compreensão dos discursos e das suas intenções comunicativas, com o objetivo mais amplo de se tornarem sujeitos que transformam linguagem em ação.

Destacamos aqui os objetivos específicos que nos parecem esclarecedores para esse relato:

- possibilitar aos alunos o desenvolvimento da leitura, compreensão e produção de textos orais e escritos a partir de diferentes gêneros textuais/discursivos que circulam na sociedade;
- promover contextos pedagógicos que permitam aos alunos adultos a aquisição das competências do descrever, relatar, narrar, expor e argumentar, com vistas à expressão das funções que a linguagem adquire no dia-a-dia, como comunicar, informar, entreter, emocionar, persuadir;
- propiciar a compreensão da linguagem como produto das relações sociais historicamente construído e da necessidade de adequação da linguagem às situações discursivas;
- favorecer a elaboração de um projeto coletivo, a revista Vozes do Ilha, com a participação de todos os alunos, numa perspectiva de valorização dos seus saberes e experiências, como atores e autores do seu processo de aprendizagem e de inserção social.

Lançamo-nos à experiência de uma nova abordagem no ensino e aprendizagem da língua materna, orientados principalmente pelos estudos de Bakhtin; Dolz e Schneuwly; Marta Kohl Oliveira; Vygostky e Paulo Freire.

Ao lado dos direcionamentos de Dolz e Schneuwly sobre o trabalho com os gêneros na escola, Freire (FREIRE; SHOR³ apud WAJMAN, 2003) nos orienta na postura dialógica na condução do aprendizado, feito em conjunto com o grupo de alunos:

Através do diálogo, refletindo juntos sobre o que sabemos e não sabemos, podemos atuar criticamente para transformar a realidade. [...] o conhecimento do objeto a ser conhecido não é de posse exclusiva do professor, que concede o conhecimento aos alunos num gesto benevolente. Em vez dessa afetuosa dádiva de informação aos estudantes, o objeto a ser conhecido medeia os dois sujeitos cognitivos. Em outras palavras, o objeto a ser conhecido é colocado na mesa entre os dois sujeitos do conhecimento. Eles se encontram em torno dele e através dele para fazer uma investigação conjunta.

Marta Kohl Oliveira (OLIVEIRA⁴ apud WAJMAN, 2003) reforça a idéia de interrelação entre as pessoas no processo de ensino–aprendizagem, com base no pensamento de Vygotsky:

Em Vygotsky, justamente por sua ênfase nos processos sócio-históricos, a idéia de aprendizado inclui a interdependência dos indivíduos envolvidos no processo. O termo que ele utiliza em russo (*obuchenie*) significa algo como ‘processo de ensino–aprendizagem’, incluindo sempre aquele que aprende, aquele que ensina e a relação entre essas pessoas.

No que se refere à aprendizagem dos adultos alfabetizados ou pouco escolarizados, Palacios⁵ (apud DURANTE, 1998, p. 19) afirma ser fundamental considerar suas experiências e circunstâncias culturais, históricas e sociais, pois estas propiciam situações de aprendizagem. O pesquisador destaca que o desenvolvimento decorre da aprendizagem mediada pela interação do indivíduo com o contexto social. A importância da percepção pelos alunos de que a cultura e o conhecimento são construções coletivas é ressaltada por Durante (1998, p. 19): “O desenvolvimento e a aprendizagem estão diretamente relacionados à experiência no coletivo. A

³ FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. *Medo e ousadia*. 8ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

⁴ OLIVEIRA, Marta Kohl de. *Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico*. 2ª ed. São Paulo: Scipione, 1995.

⁵ PALACIOS, Jesus. O desenvolvimento após a adolescência. In: PALACIOS, Jesus; COLL, César; MARCHESE, Alvaro (org.). *Desenvolvimento psicológico e educação – psicologia evolutiva*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

aprendizagem e o saber de um grupo social são frutos da atividade cognitiva das gerações precedentes e da possibilidade de interação com o conhecimento construído”.

Nesse sentido, a prática pedagógica centrada nos gêneros discursivos tem se mostrado produtiva com os alunos de EJA na medida em que estes constituem-se como um instrumento entre o indivíduo e o mundo. A circulação dos textos de autoria dos alunos traz para esses adultos que, se reinserem no universo escolar, também a integração com a cultura produzida em sua comunidade. O aluno percebe-se como alguém “que transmite e transforma cultura” (DURANTE, 1998, p.19), uma pessoa que é criadora e transformadora da realidade.

O projeto coletivo

A revista Vozes do Ilha se configura como registro do trabalho desenvolvido durante as aulas de Língua Portuguesa a partir dos seguintes gêneros textuais/discursivos, dispostos numa seqüência didática por módulo de ensino: relato autobiográfico; causo; conto; poesia; notícia; reportagem; entrevista; artigo; resenha; crônica; carta; publicidade. Os saberes e as competências construídos pelos alunos através da experiência em outros contextos orientam a escolha dos gêneros e sua abordagem nas aulas.

Além das produções dos alunos, outros textos compõem a publicação. Alunos do Ensino Fundamental e Médio são convidados a participar de um concurso literário, cuja premiação é a publicação de seus poemas, contos e crônicas na revista Vozes do Ilha. Também faz parte das atividades, uma entrevista com profissionais da área cultural em que os alunos experimentam escutar e falar em situações públicas. Diante dos alunos/entrevistadores, os entrevistados conversam, trocam experiências, contam sobre seu trabalho e “dessaçralizam” o ato de escrever.

A Noite de Autógrafos encerra o projeto, evento em que os alunos relatam a experiência do trabalho e lêem suas produções para os colegas, professores e convidados. Mais que um momento de uso da linguagem oral como prática social, é um momento festivo que os participantes do processo do *fazer* da revista – alunos e professores – compartilham com suas famílias, amigos e profissionais da instituição. Música, comes e bebes celebram o fim do trabalho dos alunos, que autografam a publicação para os convidados.

Na voz de Paulo Freire, ensinar exige alegria e esperança. “Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos a nossa alegria” (FREIRE, 2004, p.72).

Etapas do trabalho

O trabalho se desenvolve fundamentalmente na sala de aula, onde se trabalham situações de leitura e escrita dos textos. Num segundo momento, há o compartilhamento das produções na Noite de Autógrafos e pelas leituras que serão feitas por outros leitores mundo afora.

Temos percebido a importância de a leitura ganhar novas funções para o leitor adulto que volta à escola – não apenas como objeto de aprendizado do ato de ler, mas como fonte de informação, conhecimento e prazer, à qual ele pode ter acesso em outros espaços além do escolar com autonomia. No momento da leitura em aula, identificamos, em conjunto com os alunos, os significados vinculados aos textos e buscamos associações com suas vivências, ressaltando a interação entre texto e indivíduo.

“A intimidade e a distância, a pressão e o retraimento, a criação e a crítica: é esta combinação de forças que torna a escrita um instrumento tão poderoso para o aprendizado” (CALKINS, 1989, p. 34). As palavras faladas desaparecem, a escrita registra nossos pensamentos e sentimentos. E mais ainda: podemos pensar sobre nosso pensamento; podemos revisar nosso pensamento. A esse respeito Frank Smith (SMITH⁶ apud CALKINS, 1989, p. 34) esclarece: “A escrita separa nossas idéias de nós mesmos, de um modo que torna mais fácil explorá-las, examiná-las e desenvolvê-las”.

Se por um lado a escrita possibilita ao aluno identificar o que pensa sobre o mundo, por outro isso provoca tensões. Entre outros motivos, por que nem sempre ele consegue colocar no texto o que sente e pensa ou por que a visão de seus pensamentos e sentimentos sobre os assuntos gera emoções controversas. Com todas as dificuldades pertinentes a essa atividade, os embates com as palavras e consigo mesmo têm sido momentos ricos de aprendizado para os alunos do Ilha.

Grande parte dos alunos que participam do projeto remete a escrita à inspiração e não ao trabalho; acreditam que um texto “saia” pronto para o papel. Talvez por causa de

⁶ SMITH, Frank. *Writing and the writer*. New York: Holt, Rinehart e Winston: 1982, p. 15.

suas dificuldades diante desta atividade, não imaginem que escritores mais experientes passem pelas mesmas angústias e enfrentamentos. A entrevista (citada acima) cumpre o papel de ajudá-los a se perceberem como autores ao observar a experiência de outros.

Na prática de aula, a reescrita tem se revelado um procedimento importante para a aquisição de autonomia na escrita, uma vez que favorece a reelaboração das idéias. No fim, os alunos se admiram ao reler a última versão do texto e verificar o quanto caminharam.

“O *reescrever* é uma das situações experimentais que se adequou bem às condições da sala de aula: leitura do texto-modelo, análise do conteúdo e da estrutura do texto, produção de textos (individualmente ou em duplas), correção e edição final.” (TEBEROSKY, 2003)

Ao mesmo tempo buscamos tanto na leitura como na escrita introduzir a reflexão sobre os elementos de linguagem associados aos gêneros. Procuramos também observar o caráter mutável e arbitrário da língua, bem como representativo dos jogos sociais que se estabelecem em cada momento, como, por exemplo, os fenômenos de variação e mudança lingüística.

Segue abaixo a seqüência de atividades didáticas que visam o reconhecimento e a aquisição dos gêneros pelos alunos:

1. A seqüência didática envolve a escolha de um tema pelos alunos (através do voto), que é trabalhado nos textos sob vários olhares, refletindo suas vivências e experiências de aprendizado. Esse momento guarda certa semelhança com a concepção de Paulo Freire do *tema gerador*. Nas edições que motivam esse relato foram escolhidos os temas Liberdade (1ª edição) e Cultura (2ª edição).
2. A segunda etapa envolve a pesquisa e a leitura de modelos; com análise da estrutura, elementos de linguagem, contexto de produção e circulação.
3. Na terceira etapa, propomos a reprodução de modelos com modificações.
4. Na quarta etapa, há a escrita de textos de produção individual ou em grupo. Há uma etapa de planejamento anterior à escrita e em seguida a escrita de uma primeira versão em que cada autor vai descobrir seu estilo para compor o texto.
5. A quinta etapa envolve a edição [verificação da coerência das informações e idéias], com o objetivo de o autor olhar novamente para o texto e descobrir se está dizendo o que pretende. A escrita é ela mesma um diálogo entre autor e texto. O escritor torna-se leitor, depois escritor novamente. Além de sua própria

leitura, o autor pode contar com as sugestões de colegas e professor antes de proceder à reescrita.

6. A sexta etapa é a de revisão [ortografia, concordância, coesão] e escrita da versão final. As etapas 4, 5 e 6 seguem o ritmo dos processos individuais de cada autor; alguns realizam cada uma em aulas diferentes; outros condensam os procedimentos num único dia.
7. Avaliação da experiência, oralmente e por escrito, individualmente e no coletivo da classe.
8. Apresentação do trabalho na Noite de Autógrafos.

Resultados parciais

A experiência do trabalho com gêneros discursivos vem sendo analisada, avaliada, repensada por nós professores a cada passo e situação com que nos deparamos. É, certamente, um processo de ensino e aprendizagem conjunto ainda em construção e avaliação. Por vezes somos questionados por alguns alunos, aqueles que já passaram pelos bancos escolares em algum momento de sua vida, sobre a falta das listas de regras gramaticais: “Estamos aprendendo português?”. Por outro lado, para nós, passar de uma abordagem estrutural da língua para uma abordagem discursiva na organização de nosso programa nem sempre se constitui tarefa fácil.

A aprendizagem, nesta perspectiva, é um processo que abre a possibilidade de o indivíduo experimentar novas informações, valores, identificações e emoções e os ressignificar. A partir do contato com a realidade e da interação com outras pessoas, intermediados pela linguagem, nosso objetivo é que o aluno torne-se um “aprendiz permanente”. Como resultados, temos observado maior fluência na leitura e na escrita; apropriação dos significados; contextualização e “leitura do mundo”; valorização das experiências dos alunos; suporte à construção da identidade e a reconciliação com suas trajetórias de vida.

Apresentamos a “Carta ao leitor” da revista *Vozes do Ilha* de 2007, texto produzido coletivamente pelos alunos do módulo 5 para encerrar nosso relato.

“Nesse semestre trabalhamos o tema liberdade. Vocês vão se surpreender com a qualidade dos assuntos que foram levantados em relação ao tema. Foi muito bom porque liberdade abrange várias coisas do cotidiano. Apesar de ser um tema difícil,

nota-se a capacidade de cada um; falou-se das conquistas, das idéias de liberdade. É fácil nos identificarmos com os textos, apesar de cada um ter um pensamento diferente sobre liberdade. Esperamos que vocês gostem do nosso trabalho, pois para nós foi uma experiência gostosa e uma oportunidade de extravasarmos um grito preso na garganta. Um grande abraço e boa leitura!”

Referências bibliográficas

ABREU, Arly Sylvia Nazar. *Educação de Adultos e a construção da cidadania*. São Paulo: Editora Articulação, 2005.

CALKINS, Lucy. *A arte de ensinar a escrever*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

CARVALHO, Rosângela Tenório. Política curricular e educação de jovens e adultos no cenário da globalização: novos objetos de saber/poder/ser. In: EGGERT, Edla et al. (org.). *Trajatórias e processos de ensinar e aprender: didática e formação de professores*. Livro 1. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

CRISTÓVÃO, Vera Lúcia Lopes; NASCIMENTO, Elvira (org.). *Gêneros textuais: teoria e prática II*. Paraná: Editora Kayganguê, 2005.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard e colaboradores. *Gêneros orais e escritos na escola*. São Paulo: Mercado das Letras, 2004.

DURANTE, Marta. *Alfabetização de adultos: leitura e produção de textos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 30ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

_____. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

GARCIA, Regina Leite. Mais uma vez alfabetização. In: EGGERT, Edla et al. (org.). *Trajatórias e processos de ensinar e aprender: didática e formação de professores*: Livro 1. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

GADOTTI, Moacir. Perspectivas atuais da educação. *São Paulo em Perspectiva*. Vol.14, nº 2. São Paulo, 2000.

HOBBSAWM, Eric. *O novo século: entrevista a Antonio Polito*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

IANNI, Otavio. Globalização e nova ordem internacional. In: *O século XX*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 2000.

LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Martha Kohl; DANTAS, Heloisa. *Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus, 1992.

LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah. *Como falam os brasileiros*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

MEC – SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Brasília, 1998.

OLIVEIRA, Marta Khol. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. In: 22ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. Caxambu, 1999.

PIRES, Ana Luisa de Oliveira. Reconhecimento e validação das aprendizagens experienciais: uma problemática educativa. *Sísifo - Revista de ciências da educação - Formação de Adultos políticas e práticas*. Unidade de I&D de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa. Lisboa: n° 2, p.5-20. Edição jan/abr 2007.

SEABRA, Odete; CARVALHO, Mônica; LEITE, José Correa. *Território e Sociedade: Entrevista com Milton Santos*. 2ª edição. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

TEBEROSKY, Ana; Tolchinsky, Liliana. Compor textos. In: *Além da alfabetização*. 4ª edição. São Paulo: Ática, 2003.

TORRES, Carlos Alberto. Política para educação de adultos e globalização. *Currículo sem Fronteiras*. v.3, n.2, pp.60-69, Jul/Dez 2003

WAJMAN, Sérgio. O saber do adulto vai à escola: um convite à reflexão. Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação. PUC, São Paulo, 2003.

XIV ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO. Porto Alegre, 2008. ISBN 978-85-7430-738-1

Anexo 1: Editorial da revista Vozes do Ilha, edição de junho/2008

Desde as primeiras aulas em que começamos a conversar sobre temas para a Vozes do Ilha, os alunos compreenderam que *cultura* possibilitava abordar comportamento, diversidade, educação, família, fé, folclore, impunidade, individualidade, justiça, música, saudade, sonhos, e até saúde. “Cultura é conhecimento”, concluiu uma das alunas do módulo 5. Após a votação em todos os módulos, escolheram dedicar esta edição da revista a conhecer os muitos sentidos dessa palavra.

O passo seguinte foi explorar o tema em pesquisas, leituras e conversas. Diferentes pontos de vista puderam ser experimentados também com a entrevista à jornalista e dramaturga Marta Góes e a visita à aldeia guarani Tenonde Porã, localizada em Parelheiros.

Com a produção escrita, dois percursos surgiram espontaneamente nos textos: as cidades natais e São Paulo.

Os alunos do módulo 1 perceberam o quanto é importante aprender uns com os outros e apresentaram as culturas das diferentes regiões onde nasceram na publicidade. Participar da vida em São Paulo também implica reivindicar direitos, como mostraram suas cartas de reclamação e de opinião.

“Isso aqui, ôô, é um pouquinho de Brasil, Iaiá...”. Da cultura de vários lugares do nosso país surgiram as fontes da pesquisa preparada pelo módulo 2, que também inspiraram poemas.

Neste semestre, o módulo 3 trabalhou na roda de leitura a observação das características de cada gênero, pautando suas impressões nas suas vivências diárias. Já o exercício da observação da vida na cidade foi o material para a escrita de suas crônicas urbanas.

Cultura e família apresentaram uma forte relação para os alunos do módulo 4. “Família é a origem de tudo”, justificam. Os contos que criaram falam do ambiente doméstico, de pais, mães e filhos. Da comunicação com Deus, com assombrações, plantas e animais. E também de encontros marcantes na praça, na festa, no bumba-meu-boi, no circo e na vaquejada.

O trabalho do módulo 5 caminhou em duas frentes. Reportagens, entrevistas e pesquisas para a produção de seus artigos de opinião. E, ao mesmo tempo, com os dados da memória, foram construindo recortes da infância na terra natal, como as brincadeiras na rua, pega-pega ou esconde-esconde, a colheita de café, o banho no rio, o caminhão de bóias-frias.

O escreve-reescreve-corta-costura-revisa revelou a percepção de identidade que a cultura permite vivenciar e que sentimos fortemente em seus trabalhos. Uma ótima leitura!

Anexo 2: Produções de texto de alunos

Subida sem volta

Farailde Marques, módulo 4

No dia 21 de abril, dia em que se comemora Tiradentes, fica também na História o padre que queria ver Deus.

Todos os domingos o padre Léo celebrava suas missas com muito entusiasmo, mas já cansado daquela rotina resolveu fazer algo diferente, reuniu todos os fiéis para sua nova atração e foram para um campo. E todos acharam que seria uma celebração, mas ficaram perplexos de ver que ao invés de sair Pai Nosso, Ave Maria, começaram a sair do nada muitos balões coloridos e o padre começou a discursar:

– Meus irmãos, cansei de falar com alguém que não vejo, vou buscar informações para vocês.

E ele começou a subir puxado por centenas de balões, e quando chegou a uma certa altura, alguém gritou:

– Ele vai buscar informações ou vai ver Deus?

E o coitado foi e nunca mais voltou.

Sorria! Você está sendo filmado!

Luzia da Silva, módulo 5

Estamos sempre sendo observados. “Sorria, você está sendo filmado!” “Este ambiente está protegido pela empresa de segurança...”

Em muitas empresas, lojas, indústrias ou escritórios, nos deparamos com avisos deste tipo. Onde está a liberdade de que tanto se fala, então?

A liberdade envolve muitos aspectos e é interessante pensar sobre ela. Para muitos, liberdade é não ter hora para acordar, ir, vir, chegar, sair, levantar, dormir. Alguns garantem que para ser livre, basta não ter compromisso e não ter que dar satisfação a ninguém. A liberdade nos dias atuais está muito difícil de se conquistar ou mesmo de se compreender.

Você, caro leitor, pode discordar e pensar: “Como assim? E na ditadura? Naquela época sim, não tínhamos liberdade”. Concordo. Mas estamos falando de coisas diferentes, de outra “liberdade”.

Entramos num elevador e estamos sendo observados por um circuito fechado de TV; entramos numa loja e câmeras nos filmam o tempo todo. Nos bancos, além dos guardas nos olhando e do constrangimento de sermos abordados e filmados, ainda somos barrados nas portas giratórias, por conta dos sensores de metais. Há até cidades com câmeras nas ruas! Tudo isso constrange nossa liberdade, tendo em vista que estamos sendo sempre vigiados.

Com o grande número de assaltos em nossa cidade, o jeito é nos protegermos. Porém, ao mesmo tempo, tolhemos nossa liberdade enquanto nos protegemos...

Não se tem liberdade de fazer compras sem ser vigiado, não se tem liberdade de andar nos corredores de uma empresa sem ser observado. Essa é a liberdade dos dias atuais.

De certa forma, nos privamos de nossa liberdade, para vivermos com liberdade...

Sendo assim, continuemos a sorrir, enquanto estamos sendo observados.

Anexo 3: Fotografias de alunos na Noite de Autógrafos (junho/2008)



Nilza Fulan e Maria de Fátima Oliveira, alunas do módulo 5, comentam a experiência do semestre



Alunos do módulo 1 falam sobre sua terra natal



Milton da Cunha e Francisco das Chagas Costa, alunos do módulo 2, autografam seus textos